



PRESENÇA DO ESTADO NOVO EM GRACILIANO RAMOS: ELEMENTOS MELANCÓLICOS NO ROMANCE *ANGÚSTIA*

Clédson Mendonça Júnior (UNIFESSPA/IBIC/CNPq)¹

Co-autor: Prof. MSc. Carlos Augusto Carneiro Costa (UNIFESSPA/IBIC)

Agência financiadora: CNPq

1. INTRODUÇÃO

Diante da crise política atual no Brasil, nada mais conveniente que compreender o passado da nação e constatar que vários foram os momentos vivenciados pelos brasileiros como indivíduos incapazes, frustrados, omissos e melancólicos frente ao autoritarismo do Estado em todas as esferas sociais. Seja em 1889, 1937, 1964 ou recentemente à partir de 2013, o país atravessa uma estagnação do poder público e a divulgação constante de escândalos junto a altos índices de desemprego, dívidas, dentre outros. Cenário propício para a mudança de governo e favorável para o pensamento e discurso da instauração de uma nova ditadura ou regime. Neste contexto, as décadas de 30 e 40, devem ser reiteradas como umas das mais conturbadas, não apenas no aspecto histórico, mas na utilidade destas informações como meio de questionamento e debate sobre as reais significâncias, características e situações que uma nova política favoreceria atualmente.

A década de 30 é o período de implantação do Estado Novo, no qual surge uma literatura não apenas regionalista, mas também denunciativa, com uma linguagem que reflete toda a indisposição do sujeito em face de sua sociedade naquele momento. A miséria do Brasil, em paralelo ao discurso do progresso permeado pelo governo, era alavancada em romances de autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Dalcídio Jurandir, dentre outros. Todavia, um em especial, pela linguagem concisa, enxuta e elaborada sobre o nordeste do país, o autor alagoano Graciliano Ramos.

Seus romances revelariam um escritor crítico e determinado a divulgar narrativas e personagens em situações de opressão, fome e desespero no nordeste brasileiro. Em meio obras, como *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Vidas Secas* (1938), *Infância* (1945), *Insônia* (1947), *Memórias do Cárcere* (1953), dentre outras. Destaca-se o romance *Angústia*, relato de um indivíduo atormentado em um fluxo de pensamentos e julgamentos constantes do meio em que vive. Publicado em 1936 às vésperas da implantação do Estado Novo no país. Nele, Luís da Silva, funcionário público e escritor frustrado, vive um clima de pesadelo após a descoberta da traição da noiva com Julião Tavares. Resultado de uma infância conturbada e de uma vida sufocante, ele desaba na impossibilidade de perspectivas e na certeza que o único caminho certo é a execução de um crime: o assassinato do rival. Antonio Candido em *Ficção e Confissão* descreve o protagonista como “o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira”, e mais à frente, “um frustrado violento, cruel, irremediável, que traz em si reservas inesgotáveis de amargura e negação.” (CANDIDO, 2006, p. 47). Essa personalidade, é revelada por meio de aspectos melancólicos, presentes em uma narrativa frenética, paranoica e rememorativa. Com informações implícitas de um período conturbado e carregado das sensações de insignificância e incapacidade de agir dos indivíduos ante o autoritarismo no país.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O início do século XX foi marcado por diversas transformações sociais, políticas, econômicas e literárias. Revoluções, guerras mundiais, capitalismo, crises, desigualdades. A fim de compreender este cenário, é preciso examinar um *corpus* representativo que favoreça a construção de um suporte teórico exposto à análise da obra *Angústia*, como objeto de pesquisa. Antes de mais nada, é necessário enumerar alguns conceitos que definem a frustração de um narrador que depara-se com mundo em constante mudança. De início, Adorno (2003, p.56), em a *Posição do Narrador no romance contemporâneo*, cita mudanças catastróficas no ato de contar histórias, uma vez que “Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha participado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras”.

¹ Acadêmico do Curso de Letras – Língua Portuguesa (Campus de São Félix do Xingu). E-mail: cludsonxingu@gmail.com

Estas experiências irão refletir na estrutura da narrativa moderna e favorecer uma nova “distância estética” entre narrador e leitor. “No romance tradicional, essa distância era fixa. Agora ela varia como as posições da câmara no cinema: o leitor é deixado do lado de fora [...]” (p. 61) e, nesta “transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo” (p. 58). Bons exemplos são obras como *A Náusea* do filósofo e escritor francês Jean-Paul-Sartre, na qual a personagem Antoine Roquentin representa uma geração estagnada pela ausência de sentido na vida e do vazio do cotidiano: [...] *Gostaria tanto de me abandonar, de esquecer de mim mesmo, de dormir. [...] me sinto esmagado.* (SARTRE, 2016, p. 177).

Esse sentimento revela um pessimismo, o negativismo no horror do sujeito em reconhecer sua própria irrelevância. No século XX, esta sensação passa a ser recorrente e não mais eventos extremos na modernidade. As mudanças são tão drásticas na literatura que o crítico literário alemão Walter Benjamin irá destacar em *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*: “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Na mesma página especifica: “Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes” (BENJAMIN, 1994, p. 01).

Em *Narrativa e Resistência*, Alfredo Bosi aborda o romance moderno e o tratamento dos valores para explicar que “A translação de sentido da esfera ética para a estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores.” (BOSI, 2002, p. 120). São estes valores o questionamento realizado por Luís da Silva no romance *Angústia*. O qual o leva a debater a todo momento sua real significância na sociedade. Essa posição é também resistência, por delimitar a contestação frenética de tudo e de todos e constituir a incapacidade, a letargia do sujeito, frente as mudanças sociais.

Angústia se constrói na composição formal, por meio de um recurso muito utilizado em narrativas de resistência, os *flashbacks*, no qual “Uma de suas principais características é apresentar situações ocorridas no passado de modo fragmentário, promovendo fissuras no percurso da narrativa.” (COSTA, 2015, p. 101). Esses lapsos de memória são analisados pela ótica de Costa (2015) e Santiago (2014). Quanto à relação histórica, é interessante apontar os estudos realizados por Vale (2016) na tese de doutorado pela UnB: *Angústia, de Graciliano Ramos: uma narrativa de tempos sombrios*. E, Dutra (2012) no livro publicado pela editora da UFMG: *O Ardil Totalitário: imaginário político do Brasil nos anos de 1930*.

3. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa foram utilizados recursos bibliográficos como livros, artigos, teses e dissertações junto à visualização de documentários, entrevistas e filmes. Os primeiros passos foram as leituras de alguns romances como *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Insônia* (1947) e *Memórias do Cárcere* (1953) e, por fim, leitura e fichamento do objeto de análise na pesquisa: *Angústia* (1936). Esta ampla, mas não completa leitura de todas as obras do autor, permitiu estabelecer paralelos e compreender as fases entre *Ficção e Confissão* como descreve Candido (2006) em seus ensaios sobre o autor. Em seguida a leitura e fichamento dos textos teóricos, críticos e historiográficos permitiram encontrar ligações entre literatura e história, a constituição do sujeito (narrador e personagens) e a experiência histórica no período de publicação das obras. No decorrer, a leitura da fortuna crítica encontrada à cerca de *Angústia*, em adição as visualizações de documentários e entrevistas, contribuíram junto as discussões nos encontros do grupo de pesquisa - *Representações do Brasil em Narrativas de Graciliano Ramos*. A compreensão de ideias e a apresentação de resultados ao orientador através da produção de textos, favoreceram a finalização dos argumentos por meio do artigo científico e entrega do relatório final da pesquisa.

4. RESULTADOS

4.1 Relações Mal Sucedidas: O Estopim

No romance, a personagem estabelece o princípio do *Prazer*, a ansiedade, o desejo, o sexo contido, a aversão a tudo e a todos, o drama, são características de um indivíduo atormentado pelo passado e estrangulado pelo presente. Em meio a este caldeirão de sentimentos está a paixão por Marina, explícita e permeada de um desejo extremo. Morando ao lado e divididos por uma parede, Luís ouvia cada passo e atitude da amada. Fatos que desencadeiam um dos sofrimentos humanos segundo Freud (2013): as relações mal sucedidas. Presentes na tríade *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*. São paradigmas nos romances. Enquanto no primeiro é João Valério que se apaixona e sofre pela esposa do patrão, no segundo é Paulo Honório, pela incerteza do adultério e conseqüente suicídio de Madalena. Em *Angústia*, é Luís da Silva com o testemunho e

convicção da traição de Marina. Com o ego abalado pela perda de Marina, ele se questiona a todo momento e se vê como um indivíduo desprezível frente à Julião.

Após o homicídio de Julião Tavares, atormentado pela sensação da descoberta do crime e da consequente prisão, Luís vive durante meses em estado de tensão e desespero. Fatos que, associados às diversas lembranças do narrador personagem, seja na infância, enquanto adulto ou após o assassinato, favorecem o estabelecimento de um trauma e, por conseguinte, a melancolia. A qual, permeada de aversões universais, descrevem na linguagem narrativa uma negatividade constante e base para uma composição estilística e formal da narrativa com técnicas inovadoras em sua estrutura.

4.2 Singularidades Na Composição

Valendo-se dos estudos de Santiago (2014) observa-se no romance dois processos de rememoração: um maior da *macronarrativa* e outro menor, de *micronarrativas*. No primeiro, Luís da Silva decide relatar os fatos um tempo depois após cometer o assassinato de Julião Tavares, através de lapsos de memórias, os quais, no cinema, são conhecidos como *flashbacks*, e para um leitor desavisado, causa um estranhamento na linearidade dos fatos. *Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente* (p. 7). Dentro do desenvolvimento do enredo, há o segundo processo, ele relembra pequenos fatos marcados em sua memória desde sua infância até o encontro com Marina pela primeira vez. *As recordações da minha infância precipitam-se* (p. 14). *Os defuntos antigos me importunam* (p. 16). *Penso na morte de meu pai* (p. 20). *Entro no quarto, procuro refúgio no passado* (p. 24). São lembranças que se sobrepõem aos acontecimentos do presente como método de justificativa dos atos e sensações da personagem. Rancores guardados, amores contidos, liberdades negadas.

4.3 Relações Históricas

A negatividade na linguagem representa dois aspectos a se questionar: o trauma e melancolia do sujeito. A denúncia das mazelas da sociedade é implícita no discurso da personagem. Por meio do romance é possível levantar e esboçar a história brasileira naquela década em cenários descritos pelo próprio narrador. Mesmo que uma ficção, a literatura transcende para confissão como cita Candido (2006, p. 97) “ficção e confissão constituem na obra de Graciliano Ramos pólos que ligou por uma ponte”, mais à frente, “O escritor que se realiza integralmente no terreno da confissão vê o mundo, sem disfarce, através de si mesmo” e aquele que “consegue realizar-se na criação fictícia constrói por meio dela um sistema expressional [...]”.

Angústia possui elementos implícitos de um Brasil estagnado, reflexo de uma crise recente em 1929 e fruto de uma política permeada de intrigas e discussões sobre novas lideranças. No intuito de transparecer uma normalidade e a proteção do Estado, por meio de métodos de propaganda e censura extrema. Eduardo Bueno em *Brasil: uma história* retrata a educação durante a década de 30: “Cartilhas e livros de adoção obrigatória em todas as escolas apresentavam versão altamente sectária da história do Brasil e saudavam não só o ditador como também o surgimento do Estado Novo.” (BUENO, 2012, p. 29). À frente, relata o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado com o intuito de “centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna e externa [...], fazer cesura do teatro, do cinema, de funções recreativas e esportivas, [...] da radiodifusão, da literatura [...] e da imprensa”. Este conjunto de técnicas doutrinárias demonstram o “Ardil totalitário” do Estado perante à sociedade naquele período.

Segundo Vale (2016, p.189) são vários os elementos representados por *Angústia* que descrevem uma total insatisfação ao período histórico pelos brasileiros. Um, em exemplo, é a violência constante no enredo, a qual “não é apenas justificativa para as ações do narrador personagem, mas denúncia de sua opção como uma tendência política permanente na história brasileira, principalmente em momentos de transformações e de conflitos sociais”. Fato que verificamos na atualidade do país em fases de crises econômicas, políticas e sociais.

5. CONCLUSÃO

Analisar a composição formal do romance, avaliar o impacto das categorias trauma e melancolia na constituição da personagem e investigar elementos que oferecem a possibilidade de estudo da literatura e da realidade histórica na qual a obra fora publicada. É contribuir para a compreensão dos fatos. Por meio de uma personagem conturbada, melancólica, insatisfeita e frustrada com o mundo ao seu redor, favorável ao entendimento do quanto a sociedade transformou-se ao longo dos anos. Luís da Silva é a representação máxima do indivíduo vítima do capital. O sertanejo que desloca-se do interior da sua terra, como o êxodo em *Vidas*

Secas, diferentemente dos que se estabelecem em *São Bernardo*, a fim de encontrar uma vida melhor, na esperança de enriquecer e demonstrar àqueles que ficam, o progresso de sua caminhada rumo a cidade grande.

Entretanto, choca-se com a agitação, com a necessidade constante de dinheiro, o consumismo desenfreado, a violência, o trabalho excessivo e, principalmente, com a irrelevância que constitui sua vida em meio à imensidão de pessoas e edifícios. Sua insignificância o frustra, e a vergonha de retornar pra casa sem o status do progresso, impede o regresso. Vive ali, sufocando e observando os diversos tipos de Tavares, definhando no desejo sexual contido e esmagado pela ausência do dinheiro, do crédito, dos bens básicos necessários para a inserção em uma classe social média. Sufocado pelo brilhantismo das leituras, de que nada valem, se o intelectual é coagido por uma repressão militar, se o capital está acima do conhecimento como ferramenta principal de reconhecimento social.

Luís é o *molambo que a cidade puiu demais e sujou* (p. 24). Aqui não é sertão, o paraíso dos romances regionalistas, muito menos, o sertanejo o herói, aqui, ele é levado à metrópole e nela se corrompe. *Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, lugares que me atraíam, que atraem a minha raça vagabunda e queimada pela seca* (p.26). Assim, diz o funcionário público fracassado. Neste discurso, observa-se detalhes de um país estagnado, abalado pelas mudanças em todas as classes sociais após uma crise econômica mundial. Um governo nacionalista e autoritário, perseguições, ansiedades, sentimento de culpa e incertezas da prisão repentina e injustificável pelo Estado Novo. Desta forma, conclui-se que a literatura representa, por meio dos romances, as precariedades da história em seus retratos fictícios, mas verossímeis em elementos, os quais, são fragmentos de lembranças que não se calam e resistem aos séculos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: _____. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, Alfredo. “Narrativa e Resistência”. In.: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARPEAUX, Otto Maria. “Visão de Graciliano Ramos” (Posfácio). In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 35ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1990, pp. 229-239.

COSTA, Carlos Augusto Carneiro. *Em câmara lenta: gestos de resistência ao terror*. São Paulo: Lumme Editor, 2015.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FRANÇA, Júlio. *Arqueologia do Fim do Mundo*. In XV Congresso Internacional da Abralic. Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 69ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Globo, 2011.

SANTIAGO, Silviano. “Posfácio”. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 69ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 287-300.

SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

VALE, Fabiano Ferreira Costa. *Angústia, de Graciliano Ramos: uma narrativa de tempos sombrios*. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

VIANA, Vivina de Assis. *Graciliano Ramos: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.